

Da arte às cirurgias plásticas: as metamorfoses do e no corpo

From art to plastic surgery: the metamorphoses of and in the body

CIÊNCIA, ARTE E CULTURA NO CORPO: a construção de sentidos sobre o corpo a partir de cirurgias plásticas.

Francisco Romão Ferreira. 1ª ed., Rio de Janeiro: Editora CRV, 2011. 185 p. ISBN: 978-85-8042-059-3

Hélia Maria Oliveira da Costa Borges
Psicóloga, doutora em Saúde Coletiva pelo IMS/ UERJ. É professora da Faculdade Angel Vianna, da Pós-Graduação em Terapia através do Movimento e Processo de Subjetivação e da Pós-Graduação em Metodologia.

Em um mundo dividido pela fragmentação dos saberes especializados, onde cada vez mais se perde a ideia de coletivo em detrimento dos projetos individuais atravessados pelo fascínio midiático do consumo, o livro de Francisco é um apelo à reflexão crítica e nos oferece instrumental para descortinarmos novos horizontes frente à realidade sombria do capitalismo homogeneizante.

Desde as primeiras páginas, o autor irá nos levar a uma viagem pela história do pensamento ocidental, através de indagações filosóficas referidas ao campo da arte e à categoria de belo, revelando-nos seus atravessamentos políticos. Assim, trazendo contribuições importantes para que se possa acompanhar a trajetória do pensamento ocidental, Francisco oferece elementos para um mergulho nos conceitos implicados nas relações entre alma e corpo, apontando a cisão entre estas como sustentação do pensamento científico que se mantém até os dias de hoje.

Pelo privilégio de uma razão consciência dissociada do corpo, constitui-se a experiência cognitiva restrita ao universo da representação que, visto como verdade, transforma a existência

que é rica, plural e aberta aos encontros e às possibilidades, em um universo fechado definido por dogmas que se desdobram a partir do discurso oriundo dos poderes instituídos.

Constata-se, através de seu livro, que o ato cognitivo – reduzido à apreensão racional – obtura outras formas de pensabilidade que nos permitam acessar modos diferenciais de perceber a realidade. A noção de verdade é atrelada à questão da identidade, de modo que o verdadeiro se refere à racionalização, ao distanciamento dos afetos, realizando um registro homogeneizante na forma de sentir as coisas do mundo. Desta forma, opera-se uma padronização dos sentimentos que barra a emergência do singular.

Realizando uma crítica a tal perspectiva, o autor nos coloca frente à constatação de que nossa percepção de mundo está irrevogavelmente imersa nas políticas que atravessam os campos de produção dos saberes em nossa cultura. Neste sentido, tomamos como referência o pensamento de Foucault (1982; 2004) sobre o processo de subjetivação que se inaugura na modernidade, entendido como campo de forças em que o que está em cena não se restringe a um sujeito, mas a um processo no qual se reordenam, sem cessar, as lutas travadas entre o existir singular e as forças de dominação exercidas pelos saberes e poderes. Assim, em seu exercício, os poderes determinam as formas de existência através da disciplina, da produção de cuidados para a manutenção da vida, assim como de normas que criam o discurso dos sujeitos sobre si mesmos.

A partir de questões atualíssimas, como o sofrimento oriundo de uma estetização reduzida à visão de mundo capitalística, Francisco nos mostra, em seu livro, como a construção do belo, como fim último do desejo hedonista de nossos tempos, é modelada em uma prática em que o corpo passa a ser o

sustentáculo dos investimentos, sendo visto como o *equipamento* que permite o sucesso. O corpo deixa, portanto, de ser o lugar que nos abre para as afetações das forças do mundo e passa a ser o lócus privilegiado para legitimar práticas de si visando a um ideal estético. Tais práticas são denominadas, pelo autor, de *metamorfozes do corpo*, referindo-se a tais transformações que, na atualidade, são manifestas criticamente na arte ou como decorrentes das propostas da tecnociência, pelo corpo-máquina na robótica, ou ainda, nas cirurgias estéticas.

As *metamorfozes do corpo* e suas implicações na saúde em geral e, principalmente, na Vida, ao transformar a tecnologia e escravizar o homem, desencadeiam sérios riscos que, como nos diz Francisco, “coisifica e reifica a vida, que torna sonhos, desejos e corpos em mercadoria, tornando a vida algo mecânico” (FERREIRA, 2011, p. 173), anunciando que “no planeta a Vida pode não ter futuro.” (BOFF apud FERREIRA, 2011 p. 175).

Estamos mergulhados em um momento histórico no qual as forças exercidas através dos saberes e poderes da ciência, do Estado, do capital e da mídia incidem sobre a vida, colonizando o corpo, os afetos, a inteligência e a imaginação (PELBART, 2007). Tomando nossas vidas de assalto na sua condição de concretude maior, seus espaços mais privados e inconscientes vão sendo invadidos, produzindo como efeito um esvaziamento da capacidade humana crítica, inventiva e intuitiva.

Hoje o poder não se exerce mais de fora, mas desde o interior, no controle dos espaços interiores, na própria existência biológica.

Uma política exercida como um fluxo contínuo que expropria a vida em sua qualidade de existente, esvaziando, a todo o momento, as referências subjetivas conquistadas. O Estado contemporâneo se apresenta, através de sua biopolítica, como um Estado gestor da vida, ou seja, como nos diz Foucault (2004), ao direito de “fazer morrer e deixar viver” característico do poder soberano da época clássica se somam, na atualidade, práticas de ordenação dos corpos definidos por um projeto de saúde. A gestão da saúde, como injunções aos indivíduos e aos coletivos, está intimamente relacionada. Assim, é sobre o corpo individual, via práticas disciplinares, e sobre o corpo coletivo, no controle populacional, via práticas biopolíticas, que incidem os mecanismos do biopoder através das práticas pós-modernas do “fazer viver e deixar morrer”.

Característico deste modelo, o Estado se tornou administrador da saúde, assumindo para si o cuidado biológico da nação. Nesta perspectiva é a vida nua, vida como vivida, vida do homem como ser vivente, “vida nua e seu *avatar* no moderno (a vida biológica, a sexualidade etc.)” (AGAMBEN, 2002, p. 126) que serão endereçadas as práticas biopolíticas, pela *purificação* dos corpos, do que não interessa aos modelos de saúde e desenvolvimento. Assim, os corpos devem voltar à *vida nua*, ficando sob a mira não só os indivíduos portadores da estranheza (doentes mentais, doenças hereditárias, entre outras tantas), mas também as populações empobrecidas. Ou seja, a política volta-se para o que considera vida indigna de ser vivida, seja de indivíduos, seja de populações.

Neste sentido, o corpo já não é excluído por ser pecador, mas por ser *impuro*, sendo este conceito de impureza associado à ideia de perecível, imperfeito, obsoleto, justificando o que a própria tecnociência se propõe: a consertá-lo, recriá-lo, transcendê-lo através das metáforas dos centros de pesquisa de nosso mundo contemporâneo.

A biologia segue transformada, então, em um instrumento do poder político, buscando na ocupação do interior do corpo, cada vez mais minuciosa, a otimização das populações ou indivíduos, a fim de torná-los consumidores que favoreçam o projeto de expansão das forças do capital. Neste processo se realiza um amortecimento do corpo como fonte de receptividade e captação do mundo, produz-se um sujeito que habita uma zona intermediária entre o humano e o inumano.

No lugar da culpa, que se presentificava no discurso freudiano no começo do século XX, encontramos a vergonha como *modus operandi* das relações de amor e submissão. A vergonha que se expressa não só pelo resultado das tentativas frustradas de atingir um ideal de saúde, com que nos dias atuais se associa à ideia de belo, mas sobretudo em decorrência da frustração, por fazer parte de um grupo julgado inferior em relação a um ideal que é associado ao corpo tido como saudável, jovem, *sarado*, etc.

Nesta perspectiva, “ao analisar a construção de sentidos acerca do corpo e a concepção estética que está presente na racionalidade médica que orienta os profissionais da SBCP” (FERREIRA, 2011, p. 176), o autor pretende nos levar a desvelar toda uma gama de elementos que se encontram subjacentes à lógica utilizada

pelos discursos acadêmicos e médicos no que se refere às cirurgias plásticas. Francisco se pergunta: “como lidar com esses dispositivos de subjetivação de modo a fazer com que os indivíduos saiam da serialidade e entrem em processos de singularização, que restituam sua potencia de existir?” (FERREIRA, 2011, p. 71).

O sujeito e a sujeição guardam a proximidade entre constituição e submissão; a sujeição é o processo de tornar-se subordinado a um poder e, também, um processo de constituir um sujeito que escapa à dominação. Desta forma, a subordinação não é privação da ação. A ação afirmativa se encontra na capacidade de internalizar a norma e poder transformá-la. As ações afirmativas são singulares.

Entendendo a complexidade que caracteriza a vida, a proposta seria poder restaurar uma capacidade crítica – como proposição diferencial que se realizaria se diferentes áreas do conhecimento, como as ciências humanas

– que pudesse participar mais ativamente dos diagnósticos e intervenções da medicina.

O ato de conhecer não está relacionado só a um campo representacional, que preexiste ao sujeito, mas contempla o horizonte no qual, no conjunto mente/mundo, se aglutinam as histórias das múltiplas ações do ser no mundo, havendo interdependência e transversalidade entre as áreas do conhecimento humano e, ainda, privilegiando a experiência imediata do conhecimento.

Neste sentido, *Ciência, arte e cultura no corpo: a construção de sentidos sobre o corpo a partir das cirurgias plásticas* nos convoca a uma leitura crítica, fazendo com que nos impliquemos com o coletivo diante das demandas que fazem parte de nosso viver cotidiano. Este livro, mais que um estudo acadêmico, nos propõe questões em direção à urgência da Vida, abrindo caminho para a afirmação daquilo que nos constitui enquanto singularidade.

Referências

AGAMBEN, G., *Homo Sacer III. O que resta de Auschwitz*; São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2002.

BORGES, H. *Sobre o movimento: o corpo e a clínica*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, F.R. *Ciência, arte e cultura no corpo*. A construção de sentidos sobre o corpo a partir das cirurgias plásticas. Curitiba: CVR, 2001.

FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos*. V. V. *Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. *Sécurité, territoire, population*. Paris: Seuil, 2004.

PELBART, P.P. *Vida Capital*. Ensaios de Biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. *Cartografias Biopolíticas*. Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra, 2007.